XXIII Seminário de Iniciação Científica
XX Jornada de Pesquisa
XVI Jornada de Extensão
V Mostra de Iniciação Científica Júnior
V Seminário de Inovação e Tecnologia

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

A ESCOLA COMO ESPAÇO E TEMPO DE PRÁTICA EDUCATIVA[1]

Tamini Wyzykowski[2], Marli Dallagnol Frison[3], Cátia Maria Nehring[4].

[1] Pesquisa, em fase inicial, que faz parte da Dissertação que estou desenvolvendo, na condição de aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí.

[2] Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências - Unijuí - Bolsista CAPES - tamini.wyzykowski@gmail.com.br
[3] Professora Doutora do DCVida – Departamento de Ciências da Vida e do PPG em Educação nas Ciências. Membro do Grupo Interdepartamental de Pesquisa sobre Educação em Ciências da Unijuí - marlif@unijui.edu.br
[4] Professora Doutora do DCEEng - Departamento de Ciências Exatas e Engenharias e do PPG em Educação nas Ciências. Líder do Grupo Estudos em Educação Matemática da Unijuí - catia@unijui.edu.br

Introdução

A aprendizagem pode ocorrer em diferentes instituições, como na família, no bairro, na igreja, na escola, a partir dos movimentos sociais e políticos e é essencial para a sobrevivência humana. Savater (1998) destaca que "para ser homem não basta nascer, é preciso também aprender. A genética nos predispõe a chegarmos a ser humanos, porém só por meio da educação e da convivência social conseguimos sê-lo efetivamente" (p. 47). A demais, o processo de aprender passa por interações complexas, começa na infância e perpassa a formação profissional, pois somos produtos das relações históricas e culturais. Nossa autonomia tem relação com nosso passado, presente e futuro a partir dos nossos hábitus, que se manifestam e se constroem nas interações com outros indivíduos (MARQUES, 2000).

Nesta perspectiva, considerando que podemos aprender uns com os outros e em diferentes instituições e tempos, o trabalho apresenta uma reflexão acerca do papel das escolas, bem como, problematiza a relação desse ambiente com a formação dos sujeitos professores e o processo de ensino e aprendizagem e busca responder a seguinte questão: Que contribuições a educação escolar oferece para a constituição e o desenvolvimento do ser humano?

Metodologia

A escrita do texto se deu a partir de reflexões sobre questões que investigo no transcurso de meu processo formativo, na condição de Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Trata-se de um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo, cujos instrumentos utilizados nessa fase inicial da pesquisa se constituíram em obras de autores que discutem questões relacionadas ao currículo, a formação de professores e o processo educativo escolar (CONNE, 1996; GAUTHIER, MARTINEAU, 2001; GUILLOT, 2008; MARQUES, 2000; LEITE, 2007; SAVATER, 1998; YOUNG, 2007).

Resultados e Discussão

As escolas, desde os primórdios da história da educação, são consideradas essenciais para o desenvolvimento do sujeito, da sociedade e da humanidade. Conforme Young (2007), as escolas são

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

"instituições com o propósito específico de promover a aquisição do conhecimento" e sem elas "cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer inalteradas durante séculos" (p. 1288). Nestes contextos, porém, não trata-se de construir a educação a partir da mera transmissão linear de conhecimentos e também não é qualquer conhecimento que deve ser produzido. De acordo com Marques (2000), o que diferencia a escola de outras instituições é que esta possui uma intencionalidade e uma sistematização para a construção do conhecimento.

A escola é um produto da sociedade; transforma e também é transformada pela sociedade. Savater (1998) destaca que "a instituição escolar aparece quando é preciso ensinar um saber científico, não meramente empírico e tradicional" (p. 54). Corroborando com o autor, podemos dizer que a escola surge em função da complexidade da sociedade e deve primar por proporcionar ao aluno a aquisição de um conhecimento significativo, capaz de possibilitar o sujeito a se movimentar no mundo com novas ferramentas.

É papel das instituições "capacitar os jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho" (YOUNG, 2007 p. 1294). A escola serve para estimular a capacidade de aprender; deve auxiliar os alunos a entender os processos da sociedade, pois aquilo que tiver sentido para o aluno vai mobilizar a produção do conhecimento, capaz de permitir o sujeito a se constituir moralmente e profissionalmente(SAVATER, 1998). Por isso, não se trata da produção de qualquer conhecimento, mas sim, nas palavras de Young (2007) um "conhecimento poderoso", essencial para a formação do sujeito pelo fato de lhe possibilitar acompreender e pertencer a sociedade. Trata-se de um conhecimento útil, capaz de apresentar explicações confiáveis ou novos meios de pensar a respeito do mundo.

A escola tem a função de organizar a construção do conhecimento de um modo explícito, proposital e sistemático e seu currículo deve preocupar-se sobre como e porque deve ocorrer a aprendizagem de determinados conhecimentos (MARQUES, 2000). Para tanto, o professor não pode apegar-se a conteúdos que não permitem os alunos a se colocarem no mundo, ele precisa ter em mente que a "educação é antes de tudo transmissão de alguma coisa, e só transmitimos aquilo que consideramos digno de ser conservado" (SAVATER, 1998 p. 174).

O professor transforma-se em profissão quando surge o reconhecimento da necessidade de uma formação para a educação básica. Em determinadas situações, podemos ensinar algo para alguém, mas "o fato de qualquer um ser capaz de ensinar alguma coisa não quer dizer que qualquer um seja capaz de ensinar qualquer coisa" (SAVATER, 1998 p. 54). O professor é um dos protagonistas do processo educativo nos contextos escolares, que precisa ver e entender o mundo para cumprir seu papel profissional. Não é qualquer sujeito que pode ocupar o papel docente em uma sala de aula; mas somente um profissional munido de conhecimento científico e saberes pedagógicos, constituídos ao longo da carreira, que formam a identidade desse profissional.

Na escola, a partir de instrumentos conceituais o professor tem o papel de conduzir o estudante a um conhecimento universal, fazê-lo conhecer ferramentas e organizar o pensamento, estabelecer diálogo com diferentes culturas e apropriar-se de um conhecimento poderoso. "Um professor deve responder às suas missões institucionais que são instruir, educar e formar" e isso vai remeter a

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

cumprir "três prioridades: o saber que deve ser adquirido pelos alunos, a educação que comporta a socialização, educação dos valores, educação da cidadania, e a inserção socioprofissional" (GUILLOT, 2008 p. 123). O professor precisa preocupar-se com quais conteúdos deve trabalhar, pois é ele quem determina a condução do currículo em sala de aula.

Contudo, no ambiente de trabalho muitas vezes é mais importante dar menos ênfase nos conteúdos que devem ser ensinados e em contrapartida mais atenção à maneira como o sujeito aprende para então desencadear a construção de um conhecimento significativo. É a dinâmica em que o professor se movimenta com a didática e a pedagogia que vai permitir a organização de conteúdos e instruir o processo educativo.

Gauthier e Martineau (2001) apresentam uma diferenciação entre didática e pedagogia no sentido histórico e trazem um movimento de complementação desses dois termos. Conforme os autores, didática e pedagogia podem "representar a situação educativa por meio do mesmo triângulo cujos pólos correspondem ao professor, ao saber e ao aluno" (GAUTHIER; MARTINEAU, 2001 p. 48). Porém, cada um dos termos dá um significado diferente à sala de aula.

A pedagogia leva em conta o contexto, na didática o contexto é elemento periférico. A didática refere-se aos conteúdos disciplinares e a pedagogia aos aspectos da gestão na sala de aula. A didática trata de um aluno como sujeito de aprendizagem e a pedagogia considera a turma de alunos que precisam aprender. Didática leva em conta a relação do aluno com o saber e a pedagogia estuda a gestão de um grupo tendo em vista a instrução e a aprendizagem. Didática é o planejamento, mas quem movimenta a sala de aula é a pedagogia. Portanto, os termos não são sinônimos, porém se complementam. Não trata-se de uma mudança de palavras, mas sim de intencionalidade (GAUTHIER; MARTINEAU, 2001).

Para qualquer nível de ensino o professor precisa instruir, educar e direcionar uma intencionalidade no objeto de saber, pois a relação do professor com o aluno só ocorre se estiver organizada a partir de um objeto de saber. Conne (1996) destaca que "compete ao professor aproveitar judiciosamente a interação cognitiva que consegue manter com os seus alunos e a situação que ela lhe propõe, a fim de ativar o desenvolvimento dos seus conhecimentos" (p. 238). É importante a organização da e na sala de aula para que o professor cumpra seu trabalho, que é ensinar vários alunos ao mesmo tempo e fazer com que cada indivíduo aprenda.

Vale lembrar que é necessário adaptar-se ao conhecimento para ensiná-lo, mas não de forma unânime e por isso deve-se considerar o meio educacional. Precisamos considerar que o saber escolar tem uma epistemologia e "discutir o sistema didático em uma abordagem epistemológica/antropológica significa, para Chevallard, pensar nas relações que nele se estabelecem, a partir da discussão dos saberes escolares" (LEITE, 2007 p. 53). Assim, o professor precisa ter consciência sobre o que ensinar e necessita ter conhecimento epistemológico, didático e pedagógico pensando sua área de formação.

O processo de ensino e aprendizagem é um movimento coletivo e necessita transformar o saber. Para tanto, também é preciso reconhecer qual saber garante processos para novas gerações e quais os objetos de conhecimento ou saber que se tornam poderosos e por isso precisam entrar no currículo escolar. Assim, o saber que o professor planeja trazer para a escola deve passar por um processo de transformação e precisa se adaptar a realidade; não pode ficar tão distante do

conhecimento original/científico e não pode se vulgarizar a ponto de tornar-se um conhecimento cotidiano (LEITE, 2007).

Um fator que muitas vezes complexifica o processo de construção de conhecimento nas escolas é o fato do professor não ter a garantia de que o aluno realmente vai aprender, isso porque, entre outras razões, o tempo de ensino difere do tempo de aprendizagem. De acordo com Leite (2007, p. 55), existe um "limite que inviabiliza a pretensão de um tempo didático único: o tempo de ensino, de caráter flagrantemente normatizador, tende a não coincidir com os múltiplos tempos de aprendizagem". Além disso, Guillot (2008) também destaca que "os alunos não aprendem todos da mesma maneira. Ensinar não se reduz a um saber fazer diante de seus alunos, mas a um saber fazer com que estes façam. O ensino é uma criação de situações de trabalho e de aprendizagem" (p. 125).

O tempo de aprendizagem causa rupturas no processo educativo e por isso o professor deve entender-se como gestor do currículo e como pesquisador do contexto educativo, intencionalizando o conhecimento, tempo de ensino e de aprendizagem. Para tanto, o processo de ensino reflexivo precisa instituir-se em sua prática docente. O professor precisa ter uma idealidade pedagógica e social, precisa ter um propósito e deve considerar que sua formação profissional também ocorre a partir do exercício da docência. O professor precisa da Educação Básica para se relacionar na sociedade e ter uma profissão; se o aluno não aprende e não evolui, então o professor não cumpriu sua tarefa como profissional (GUILLOT, 2008).

Precisamos ter clareza de que as Licenciaturas tem o papel de formar profissionais capacitados a produzir o conhecimento em uma realidade escolar contemporânea, que muda constantemente conforme o contexto social e que possui uma ampla diversidade de sujeitos no mesmo ambiente e todos estes precisam ser atendidos. Os cursos de formação de professores precisam dar ênfase a uma reflexão sobre os desafios e potencialidades da profissão docente, partindo de situações que permitam articular os saberes produzidos na Universidade e experiência acompanhada em sala de aula para melhor preparar os licenciandos para atuarem na profissão (GUILLOT, 2008).

Resultados deste estudo permitem afirmar que é de responsabilidade da educação escolar ensinar os conhecimentos científicos historicamente sistematizados e referendados pela prática social da humanidade e de promover as condições necessárias para a formação de conceitos. Nessa linha de pensamento, entendemos que a escola deve ser concebida como espaço de promoção do desenvolvimento das capacidades humanas complexas, do autodomínio da conduta, dos sentimentos e valores éticos e das operações lógicas do raciocínio. A escola como espaço e tempo de prática educativa deve oferecer as condições para que o homem se constitua humano.

Considerações

A partir dos aspectos apresentados nesta produção, podemos considerar que a escola éum lugar de formação da prática educativa: neste ambiente o professor ensina, mas também aprende e aprimora seus saberes e fazeres docentes. Os professores adquirem um conhecimento nos contextos escolares, que permite transformar sua atuação profissional e remete à constituição docente.

É preciso refletir como a formação inicial e continuada discute o currículo, a fim de compreender como a relação de currículo e cotidiano permite ao professor se movimentar e a cumprir seu papel social. É fundamental o professor ter o domínio dos conhecimentos específicos e pedagógicos e

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

saber direcionar uma intencionalidade no seu objeto de saber, para então construir efetivamente uma relação com o aluno durante o processo de ensino e de aprendizagem a fim de possibilitar a significação de conhecimentos escolares.
Por fim, cabe apontar a importância da existência de grupos de formação continuada de professores, que sirvam como tempo e espaço a fim de estimular momentos de discussão para os atores do processo educativo, compartilharem suas experiências e pensarem questões relacionadas ao ensino e a docência nos contextos escolares.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem; formação de professores; reflexão.

Agradecimentos: CAPES

Referências
CONNE,François. Saber e conhecimento na perspectiva da transposição didática. In: BRUN, Jean (Org). Didáctica das Matemáticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU. Triângulo Didático-Pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado. In: Revista Educação nas Ciências. Ijuí: UNIJUÍ, v. 1, p. 45-77, Jan/Jun, 2001.
GUILLOT, Gerard. O resgate da autoridade em educação. Porto Alegre, RS: Armet, 2008.
MARQUES, Mario Osório. Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000.
LEITE, Miriam Soares. Recontextualização e Transposição Didática - Introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.
SAVATER, Fernando. O valor de Educar. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol 08. N 101, p. 1287-1302 set/dez. 2007.